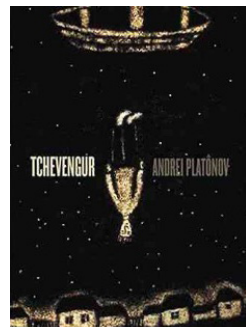


Andrei Platônov, *Tchevengur*. Tradução de Maria Vragova e Graziela Schneider. Ilustrações de Svetlana Filippova. Texto de apresentação de Irineu Franco Perpetuo. Prefácio de Maria Vragova e posfácio de Francisco de Araújo. Belo Horizonte: Ars et Vita, 2021, 584 págs.



Um romance que desvenda a utopia soviética

“Tchevengur” procura recriar o mundo ideal que teria existido, se a revolução comunista de 1917 tivesse dado certo

I

O comunismo – talvez os nazifascistas bolsonaristas não saibam disso, já que ainda sonham *pegar em armas* para combatê-lo (risos) – é uma teoria louvável, que imagina um mundo ideal, semelhante ao celestial. Por isso mesmo, não é aplicável ao mundo dos vivos, idealizado talvez para uma geração extraterrestre, nunca para a espécie humana. Mais ideal ainda é o anarquismo, igualmente inaplicável, mas que, ao longo dos anos, atraiu muitas pessoas de bom coração, que imaginavam que seria aceitável sacrificar-se para garantir um futuro melhor para as gerações vindouras.

Quem visita a Rússia de hoje lamenta que o regime que se autointitulava comunista tenha deixado como herança apenas prédios velhos, com os encanamentos de fora, escadas rolantes do metrô que não funcionam, como se vê largamente em Moscou, ou trens de segunda classe que mais se assemelham aos que se veem em filmes sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), enquanto a beleza arquitetônica que se admira é aquela deixada pelos czares em São Petersburgo. Em Moscou, não são muitos os locais que merecem ser vistos: a Praça Vermelha, o Teatro Bolshoi e mais um ou outro edifício.

Este introito vem a propósito da leitura de *Tchevengur* (Belo Horizonte, editora Ars et Vita, 2021), romance de Andrei Platônov (1899-1951), escrito entre 1927 e 1929 e agora traduzido pela primeira vez para o português por Maria Vragova e Graziela Schneider, obra que discute dialeticamente a utopia soviética naquela década. Porque não agradava aos censores da época do stalinismo, o livro só foi completamente publicado em 1978, em inglês, com tradução de Anthony Olcott (1950-2018), mas apenas em 1988 é que os leitores da antiga União Soviética tiveram acesso à obra, por meio da publicação do romance na revista literária *A Amizade dos Povos*, a um tempo em que o regime soviético já agonizava.

Ou seja, até o final da vida, Platônov não teve a ventura de ver o seu volumoso trabalho publicado, embora, em 1928, tenham saído à luz dois fragmentos da primeira parte do romance. Em 1929, esses textos seriam também publicados como novela sob o título *A origem de um mestre*, embora tenham sofrido alterações exigidas pela censura, especialmente trechos que faziam alusões à sexualidade, e outras feitas pelo autor, como se lê no prefácio escrito por Maria Vragova, uma das tradutoras do texto para o português.

É de se lembrar que este romance é da mesma época de *Coração de cachorro*, de Mikhail Bulgakov (1891-1940), que, escrito em 1925, só seria publicado em 1987, depois de estar apreendido por décadas, e que igualmente constitui uma sátira à chamada “ditadura do proletariado”. No Brasil, faz parte da coletânea *Coração de cachorro e outras novelas* (São Paulo, Editora Edusp, 2010), com tradução de Homero Freitas de Andrade. Em Portugal, saiu em 2014, com o título *Coração de cão* (Lisboa, editora Aletheia), com tradução de Silvia Valentina. O mesmo livro, com o título *Coração de cachorro*, saiu em 2019 em formato *e-book*, com tradução de Alex Zuchi.

II

O livro de Platônov conta a história de Aleksandr Dvánov, filho de um suicida, e Stepán Kopienkin, acompanhado por seu rocambo Força Proletária, que seguem pela estepe russa em busca do éden comunista e acabam em uma cidadezinha alucinante, Tchevengur, que dá título ao livro. Naquele lugarejo, seres humanos belos e possesores imaginam o inconcebível paraíso comunista, que nunca existiu na Terra, mas apenas na cabeça dos mais ingênuos, enquanto os mais hábeis e de moral mais elástica brigavam entre si pelos melhores cargos

no Partido Comunista e nas empresas estatais, repetindo as iniquidades tão comuns no mundo capitalista.

Intitulado, a princípio, *Construtores da primavera*, este espesso romance procura construir, de forma quixotesca, a vida que poderia ter sido – e que não foi, para se repetir aqui um trecho de um poema de Manuel Bandeira (1886-1968). Por isso, muitas vezes beira o absurdo ao expressar as ideias “ultrarrevolucionárias” das personagens cujas contradições são expostas na própria língua, ou nas várias línguas que povoam a paisagem platonoviana. Como se lê no romance, no vilarejo de Tchevengur, o verdadeiro comunismo é implantado, já que lá ninguém teria trabalho ou ocupações, pois “o sol, que tinha sido declarado proletário universal, trabalhava por todos e por cada um”.

Como observa a tradutora Maria Vragova, “considerar *Tchevengur* um romance comunista ou anticomunista seria reduzir o pensamento platonoviano: ele não dá respostas, mas, sobretudo, questiona a natureza, o significado e o futuro do projeto revolucionário”. Na verdade, os verdadeiros ideais revolucionários sempre estiveram com Platônov e os velhos bolcheviques que nunca concordaram com a doutrina e a prática política adotada pelo Partido Comunista que só levavam em conta os interesses e os privilégios da *troika* e dos burocratas. Basta notar que dos líderes da revolução de 1917, apenas três morreram de morte natural – Lenin (1870-1924), Josef Stalin (1878-1953) e Yankel Sverdlov (1885-1919) –, enquanto os demais foram assassinados.

Por isso, os personagens deste romance parecem mais messiânicos do que revolucionários, pois imaginam a criação de um mundo ideal, tal como aquele que algumas igrejas cristãs sugerem que há de vir depois do retorno de Cristo, mas que estaria reservado apenas aos que se mantiverem fiéis à doutrina até o último dia de sua vida. Já esse comunismo messiânico sugeriria a criação do paraíso na terra, ideia que coincidia com o chamado quiliasmo, doutrina do reino milenar que era seguida por muitos camponeses ao final do século XIX e início do século XX na Rússia e que afirma que os predestinados ficariam ainda na Terra durante mil anos após o julgamento final, no gozo de todos os prazeres.

No vilarejo de Tchevengur, até mesmo o trabalho seria abolido, já que fomentava a origem da propriedade, que, por sua vez, causava a opressão de um cidadão sobre outros. E no comunismo lá adotado até mesmo a família deixaria de existir, pois o casamento entre homem e mulher seria abolido, ideia que era defendida por um dos primeiros profetas sectários da Rússia, Daníla Filippovitch, em meados do século XVII, como observa Maria Vragova.

Munido de uma linguagem paródica-poética e ao mesmo tempo devastadora, o autor construiu um mundo mítico, que não caberia nos moldes que

hoje conhecemos e que tampouco são aceitáveis por quem pensa um pouco além, pois só têm estimulado guerras e morticínios que podem até levar a espécie humana ao desaparecimento. Seja como for, Platônov acabou por escrever um romance único que ocupa uma posição de destaque não só na literatura russa como na universal. E que, de certo modo, antecipa o drama que se vive hoje na Ucrânia, onde, por culpa de ambos os lados em conflito, muitas vidas inocentes têm sido ceifadas e a cultura histórica destruída.

III

No prefácio, a tradutora Maria Vragova faz um resumo da biografia de Platônov, lembrando que o autor nasceu nos arredores de Voronezh, no centro da Rússia europeia, cidade fundada em 1586 no reinado do czar Teodoro (1557-1598). Era filho de um mecânico ferroviário e de uma mulher profundamente religiosa, que teria transmitido ao filho uma concepção cristã do mundo. Platônov começou a trabalhar aos 14 anos, como entregador, fundidor em uma fábrica de tubos e ajudante de maquinista e, depois da revolução de 1917, ingressou no departamento eletrotécnico da politécnica ferroviária. Esse universo ferroviário revolucionário teria grande influência em sua obra literária.

Entusiasmado com os novos rumos, Platônov chegou a participar da União Comunista de Jornalistas e passou a publicar artigos, contos e poemas em jornais e revistas de Voronezh. Em 1920, representou aquela entidade no Congresso de Escritores Proletários, em Moscou. Por pouco tempo, fez parte do Partido Comunista, mas as suas ideias libertárias não encontravam eco entre aqueles que se acomodavam à ditadura leninista, à época da Nova Política Econômica, o que resultou em sua expulsão em 1921, pois foi considerado “elemento instável e inconstante”. Como observa Maria Vragova, neste mesmo ano, ele publicou *Eletrificação* e, em 1922, o seu primeiro livro de poemas *A profundezas azul*.

A partir de então, passou a dedicar-se quase integralmente à engenharia. Em 1927, transferiu-se para Moscou, onde, naquele mesmo ano, escreveu as novelas *O cidadão estatal* e *Makar, o duvidoso*, que não passariam pelo crivo da censura stalinista. Aliás, o próprio ditador Stalin teria lido os originais e desaprovado o que já havia sido visto pelos críticos oficiais como ambiguidade ideológica e anarquismo do autor. O escritor Maksim Gorki (1868-1936), dramaturgo, poeta e fundador da literatura do realismo socialista, teria até reconhecido os méritos de Platônov, mas concluído o que o seu espírito

anárquico o prejudicava e tornava os seus escritos absolutamente inaceitáveis pelos critérios da censura stalinista.

Ainda ao final daquela década, o romancista iria conhecer várias propriedades agrícolas estatais, recolhendo material para escrever a novela *A escavação*, concluída em 1930. No ano seguinte, publicaria a novela *De reserva*, que seria vista como uma calúnia contra o “novo homem” que a sociedade comunista procurava criar e um ataque ao Partido Comunista.

Isolado, Platônov teve de fazer uma autocrítica em carta encaminhada aos jornais oficiais. Apesar disso, não deixou de escrever, tendo trabalhado em *Quatorze isbás vermelhas*, tragédia popular que narra a fome na província russa, e na novela *O mar juvenil*, inspirada nas viagens que fizera por propriedades agrícolas coletivas mantidas pelo Estado. A propósito, *isbás* é o nome que se dá na Rússia a habitações camponesas típicas. Mais tarde, em 1934, Platônov publicou *O rio Potudán*, numa época que coincide com o grande terror que culminou com a execução de mais de 700 mil pessoas que seriam consideradas “inimigos do povo”. Por pouco, Platônov teria escapado da repressão.

Plotônov ainda escreveu os livros *As reflexões de um leitor* e *Nikolai Ostróvski*, que não seriam publicados e seus originais destruídos pelos censores do Partido Comunista. Depois disso, o autor limitou-se a escrever livros infantis. Durante a Segunda Guerra Mundial, atuou no *front* como correspondente do jornal *A Estrela Vermelha*, período em que escreveu quatro livros de prosa militar. Produziu outros livros de contos que foram repudiados pela censura, acusado de caluniar o soldado-herói russo. Tuberculoso, morreu sem ver suas principais obras publicadas.

IV

A tradutora Maria Vragova, diretora da editora Ars et Vita, especialista em literatura russa, tem-se destacado também como produtora cultural em numerosos projetos culturais e artísticos nas mais diversas linguagens: exposições de artes visuais, mostras de cinema, espetáculos de artes cênicas e projetos editoriais. Em 2007, foi responsável pela organização dos eventos dedicados ao aniversário da Catedral Ortodoxa de São Pedro e São Paulo, em Karlovy Vary, na República Checa.

Em 2007, organizou a primeira retrospectiva do arquiteto Oscar Niemeyer (1907-2012), no Museu de Arquitetura de Moscou, na ocasião do seu centenário

de nascimento, e, em 2008, no mesmo local, a exposição do arquiteto português Álvaro Siza Vieira. Convidada por Serguey Gordeev, senador da região de Perm, na Rússia, colaborou em um projeto de urbanização de Perm e na criação de um novo plano diretor para a cidade, em parceria com a cidade de Curitiba e com o ex-prefeito Jaime Lerner (1937-2021).

Em 2009, participou da organização do *Progetto Argerich*, em Lugano, na Suíça, com 35 artistas de vários países do mundo. Realizou a produção da exposição *Antanas Sutkus: um olhar livre*, que percorreu 16 cidades brasileiras; da exposição *Vladimir Lagrange: Assim Vivíamos*, da exposição *A União Soviética Através da Câmera* e da *Mostra de Cinema Russo Contemporâneo*, entre outras. É responsável pela coordenação do Festival Internacional de Artes de Tiradentes-MG.

*Adeldo Gonçalves**

* Adeldo Gonçalves, jornalista, mestre em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana e doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), é autor de *Gonzaga, um poeta do Iluminismo* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999), *Barcelona brasileira* (Lisboa, Nova Arrancada, 1999; Publisher Brasil, 2002), *Bocage – o perfil perdido* (Lisboa, Editorial Caminho, 2003; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo – Imesp, 2021), *Tomás Antônio Gonzaga* (Imesp/Academia Brasileira de Letras, 2012), *Direito e Justiça em terras d'el-rei na São Paulo Colonial* (Imesp, 2015), *Os vira-latas da madrugada* (José Olympio Editora, 1981; Letra Selvagem, 2015) e *O reino, a colônia e o poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo 1788-1797* (Imesp, 2019), entre outros. E-mail: marilizadelto@uol.com.br.